

C.M.B.
BibliotecaC. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Proprietário: Clube Desportivo da TEBE

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactor: Joaquim Rodrigues

Porquê neste lugar

PORQUÊ? Por que este enquadramento está certo.

Se o «Boletim Social da TEBE» é de operários e nós somos a forja onde eles se preparam para uma melhor racionalização do seu trabalho, porque não darmos as mãos e seguirmos juntos de caminhada?

Se a época actual é de união, porque estarmos desunidos?

A ideia partiu deles, dos operários. Vieram ao nosso encontro e nós, muito «corporativamente», alinhámos e cá estamos a colaborar.

Bem hajam os dirigentes do «Boletim da TEBE» pela oportunidade que nos deram de podermos divulgar alguns dos trabalhos das nossas raparigas e rapazes. Serão pobres no texto, mas ricos da sua exuberância de futuros obreiros da Nação.

Cabe, aqui, perguntar qual será a modalidade da sua colaboração e, também aqui, cabe dar uma resposta. Será simplesmente colaboração como só os estudantes a sabem fazer: franca, honesta e, acima de tudo, juvenil com o optimismo próprio da sua idade.

A seu lado estará o corpo docente dentro da sua missão de plenitude para que eles possam assimilar e fazer frutificar uma educação verdadeiramente integral.

É, nesta educação integral que baseamos os nossos métodos pedagógicos, dando tudo aos estudantes do que de bom possamos ter: os nossos ensinamentos para que possam amanhã trabalhar com consciência e competência; o nosso bom exemplo para que possam amanhã ser dignos e respeitados; a nossa dedicação para que possam amanhã ser dedicados; uma doação total de corpo e alma à nossa Missão para que amanhã sejam um espelho do nosso proceder.

E, voltando ao tema inicial, cá estamos de mãos dadas com o «Boletim da TEBE». A este um muito obrigado e aos estudantes da Escola Industrial e Comercial de Barcelos e ao seu corpo docente, um só desejo: que nunca lhes falte o amor ao trabalho e que nunca esqueçam de que nada é pouco para que façamos um Portugal cada vez maior.

O Director da Escola I. e C. de Barcelos

FANTASIAS POR TRADICIONALISMO

OS festivais de folclore são considerados espectáculos de arte, de interesse nacional e requerem, por isso, cuidados especiais de orientação e uma supervisão honesta, conscienciosa e à altura das responsabilidades que lhe são inerentes.

Ora, dentro deste critério, e se a base de tais realizações é a tradição popular, a fidelidade

das reposições não pode andar alheia à seriedade do certame, nem à elevação do seu significado e, sendo assim, entendemos prudente a abolição de tudo que represente arranjo, inovação ou fantasioso alindamento dos grupos necessariamente chamados a colaborar nesses espectáculos de superior interesse turístico. De resto tais conjuntos não são

Rumo de lamentação

*Nas ruas da mentira desfilam as ciladas
e os homens venenosos atacam a maldade...
a honra nada vale...*

Mentir... eis a verdade...

e o resto é poeira de coisas estafadas.

*Se o pobre, que é pobre, se cansa a lamentar...
o mundo só lhe ralha e, às vezes, torpemente,
e se o pobre, que é triste, se insurge, levemente,
é preso, castigado,
não pode mais gritar.*

*Se penso nos meus filhos com ânsias de ternura,
se quero o pão de Deus, mesmo com sofrimento,
tenho direito à vida,
pois vivo no tormento
dos risos sufocados da minha desventura.*

*E, assim,
nascem poemas vivos da morte dos meus passos
e dos meus olhos tristes, profundos, com olheiras,
saltam perfis longínquos em florestas de caveiras,
no exílio dos sentidos,
tão perdidos e lassos.*

*E, assim,
me vou buscando, em busca doutras vidas,
fazendo dos escravos poemas de esperanças,
e nunca faço em vão promessas escondidas
aos ébrios de dor, enlutadas crianças...*

António Baptista

propriedade de A nem B — contrariamente ao pernicioso entendimento de muitos — são do povo que lhes dá alma, da tradição que os fez história e de todos quantos, neles, se orgulham de ler algumas das mais ricas páginas do nosso património artístico, e, conseqüentemente, não podem estar à mercê dos apetites de quem quer que seja ou de qualquer um.

Está, portanto, em causa alguma coisa muito acima dos abusos a que chegaram, pela porta da irresponsabilidade, certos directores de grupo ávidos da realização de aspirações aventurosas inspiradas em sonhos teatrais.

Entre os muitos escalrachos que vêm medrando na seara escolhemos, como exemplo flagrante de vilipendioso engenho, a fazer carreira, por mal dos nossos pecados, os famigerados

estandartes dos «ranchos regionais» — autêntico certificado da toleima dos seus directores e do manancial de ignorância que essa mesma toleima denuncia.

Olha-se o impertinente penduricalho e logo se cai no convencimento doloroso de que a esmagadora maioria dos nossos grupos típicos é, pelo menos, acéfala.

Sempre se tem entendido isto de estandartes e bandeiras, como símbolos de associação, de classe, de arte, de ofício, tal como sucede com a bandeira dum grémio, dum clube, dum banda de música ou com o estandarte dum irmandade, dum asilo, dum confraria, ou dum centro recreativo. Francamente, simbolizar por tal forma um conjunto de rapazes e raparigas que dançam os viras rodeiros das romarias, as quadrilhas de ingénua marcação dos «serões» ou

COLUMBOFILIA

Por FERNANDO

HISTÓRIA DO POMBO CORREIO

EXTRAÍDO DA REVISTA « POMBOS CORREIOS », DE M. LEÃO MAIA

(Continuação)

○ Cambalhota (*Columba Gyratrix*), cujo tipo originário, já hoje se não encontra (não falamos, claro, nas diversas variedades de pombos Cambalhotas que a fantasia criou), tinha um enorme poder de voo, elevando-se a altura prodigiosa, donde se despenhava cambalhotando de 5 a 8 vezes sucessivas. O seu voo e resistência, tornaram-no estimado para mensageiro, se bem que as cambalhotas prejudicassem bastante a velocidade na descida e a entrada rápida no pombal.

O Gravata era um pombo esbelto, de pequeno tamanho, mas de voo rápido e resistente, e de instinto de orientação bastante desenvolvido.

O Papo de vento de Gand, é um pombo pequeno, de grande vivacidade e apreciáveis qualidades de voo. Era chamado « Smijter » — ou seja, « pombo para largadas ».

Uns e outros fizeram, em princípio, serviço de mensageiros. Depois, começaram os cruzamentos entre as raças com o fim de melhorar as qualidades que possuíam, e mais tarde foram procurados pombos estrangeiros, como o Gravata francês e o Carrier inglês, que vieram dar ao primitivo mensageiro belga umas qualidades utilitárias e desportivas ainda maiores. Era conhecido de todos os amadores

a faculdade de orientação do Carrier — que tinha na Irlanda o seu País de origem — e por ela e pelas suas qualidades de voo o foram buscar.

Já em 1806 se faziam, em Liège, concursos de voo largadas a pequenas distâncias, que aumentavam gradualmente e que só a grande persistência dos amadores permitia manter, em virtude da dificuldade de transporte para os locais em que se efectuavam. Esse transporte, nessa época era feito, não em cestos ou caixas, mas em carroças armadas especialmente para esse fim, com dois arcos cruzando-se em diagonal, aos quais se sobrepunha uma cobertura que a fechava completamente; sob eles, um poleiro, um comedouro e um bebedouro, para maior comodidade das aves, por que a viagem era longa e morosa. A largada era assistida pela autoridade local, que disso passava a certidão respectiva, e fazia-se removendo a cobertura da carroça.

Fizeram-se treinos até Paris e Lyon.

Em 1820, tinha aumentado bastante a procura dos pombos correios não tanto pelo lado desportivo, mas principalmente pelo lado utilitário. Para saberem das cotações da Bolsa, com a desejada prontidão, usava-se o pombo correio; isso foi tornando cada vez mais procurado, começando então um serviço novo — o de aluguer de pombos

treinados. Claro é que as vendas se fazem bem e os criadores animavam-se cada vez mais. À medida que o tempo ia decorrendo, por toda a Bélgica aumentava o gosto pela columbofilia e, a par disso, a perseverança, estudo e trabalho dos criadores. Em 1823 teve lugar o primeiro concurso Londres-Verviers; o sucesso foi grandioso, bem como o obtido pelo concurso Lyon-Verviers. Foram postos em exposição os concorrentes e o entusiasmo foi enorme.

Liège foi a cidade que primeiro definiu um tipo seu de pombos correios obtido pelo cruzamento inicial do gravata com o cambalhota. O pombo correio desse tipo era de tamanho médio, um pouco para pequeno, baixo, de pernas curtas e de feitiço atarracado, mas robusto; era curto, largo, de peito bastante desenvolvido, esterno forte, com a plumagem farta mas cerrada, possuindo algumas vezes gravata. A cabeça era larga, bastante convexa, o bico curto, as carúnculas pequenas e de textura fina, olhos poeinentes, de cor vermelha escura e cercados por uma orla estreita e lisa; as asas, de pena larga, eram bastante compridas e a cauda com as rectrizes unidas de forma a apresentar a largura de uma só pena.

Pelos informes que foi possível obter dos mais antigos columbófilos belgas, chega-se à conclusão de que os cruzamentos feitos para obtenção do pombo correio, devem ter sido como segue:

- 1.º — Gravata x Cambalhota.
- 2.º — (Gravata x Cambalhota) x Carrier.
- 3.º — (Grav. x Camb.) x Carrier) x Papo de Vento de Gand.

Este último cruzamento foi o que produziu o pombo correio do tipo de Anvers, e deve ter sido feito cerca do ano de 1840.

O concurso Liverpool-Bruxelas, levado a efeito em 1838, foi ganho pela variedade de Liège, já então definida e possuidora de apreciáveis qualidades.

Anteriormente a isso, os amadores de Gand, organizavam também as suas provas, mas utilizavam nelas somente o Papo de Vento de Gand. Assim, em 1815, com grande entusiasmo, fizeram-se os concursos Bruges-Grand. Porém, conhecedores das qualidades do pombo correio de Liège, não hesitante em o introduzir nos seus pombais e, cerca de 1820, foram-no buscar e prosseguiram nos seus trabalhos de apuramento e selecção.

O tipo de Anvers começava também a evidenciar-se bastante, motivo porque foi mais tarde igualmente procurado pelos amadores de Gand. Alguns deles, cruzadas as duas variedades (de Liège e de Anvers); obtiveram óptimo resultado e deram assim um notável avanço no trabalho de obtenção de pombos correios.

De 1830 a 1840, como os transportes se tornavam mais fáceis, houve grande progresso na selecção dos viajantes, que eram

mais amiudadas vezes experimentados em treinos e concursos, do que até então.

O pombo correio do tipo de Anvers diferia do seu congénero de Liège, no aspecto exterior, por ter a cabeça um pouco deprimida, bico comprido e forte, as carúnculas grandes, olhos de pérola ou de peixe, orla bastante desenvolvida, peito largo, esterno forte e profundo, pernas assaz altas, corpórea média e a plumagem bem cerrada, asas sólidamente musculadas e emplumadas e cauda guarnecida de penas.

Era um pombo de grande valor para o fim em vista, pois era muito resistente e veloz. Era o voador para as viagens longas.

Praticamente, em 1850 pode dizer-se que o pombo correio belga estava « feito » e absolutamente definido.

Evidentemente que, desde essa data até hoje, o seu aspecto e qualidades têm evoluído bastante, mas isso sucede com tudo. Até mesmo ao princípio os próprios belgas tinham a maioria dos seus pombos malhados e pintados de branco, sobre as cores fundamentais. Mais tarde, por uma questão de pretensão inferioridade ou porque as penas brancas, diziam, indicavam albinismo foram postos de parte os exemplares que as possuíam, até que, finalmente, foi reconhecido — e muito bem — que a cor da plumagem em nada influa no valor desportivo de qualquer exemplar, e por isso se voltou a admitir o pombo correio malhado de branco, o pintado, o mosqueado, etc.

Hoje, porém, o pombo correio belga pertence, quanto às dimensões do bico, a um tipo intermédio e é duma maior corpórea por se ter reconhecido vantagem no aumento de peso e de musculatura para as viagens. A prova disto está em que os concursos do estrangeiro, se têm obtido resultados espantosos, que nunca se conseguiram com os primitivos tipos, como seja o percurso de 800 e 900 quilómetros num dia. É realmente um « record » em que custa a acreditar, mas exacto. Nunca ele se conseguiu com os antigos pombos correios, que faziam um percurso tão longo, sim, mas nele levavam alguns dias.

O valor do pombo correio belga tem sido posto à prova bastas vezes, como atrás dizemos, e sempre ele tem mostrado quanto vale — e quanto vale, também, o árduo trabalho de selecção e apuramento levado a efeito pelos belgas nessa primeira metade do século XIX.

É, pois, muitíssimo justo por terem sido os belgas os criadores de tão maravilhosa ave, que se lhe dê a denominação de correio-belga.

O pombo correio belga, do tipo moderno, tem o seu padrão

(Continua na página 6)

se despiciam no gracioso *desafio* dum fim de tarde na aldeia, é ridicularizar uma coisa séria, desrespeitar intenções muito louváveis e ofender o público dando-lhe em troca do seu incontestado interesse, da sua comprovada confiança e do seu riquíssimo dinheiro, um atropelo, uma anedota, uma mistificação...

A que vem, num caso destes, o cetim duma bandeira bordada ou pintada a óleo segundo o apetite dos orientadores e a fantástica inspiração dos obreiros de tais peças meramente ornamentais e despidas de qualquer significado ou propriedade?

Serve o caso para nos diminuir e expor à troca de quantos, com olhos e raciocínio, acabarão por duvidar da seriedade deste trabalho que deve marcar uma posição decente na vida do nosso país, tão ufano dos seus motivos turísticos.

Terá encontrado o fim dos seus dias a condenada prática, quando a repartição competente obrigar os responsáveis ao esclarecimento sobre a sua origem, a proibir em espectáculos

de reconhecida categoria e punir severamente toda a tentativa contrária à abolição da clamorosa fraude.

Aquela *impertinência*, efectivamente, não tem história e até de senso carece, por mais doirada que lhe façam a haste, use luvas, ou não, o seu martirizado transportador.

Sabemos que o uso faz Lei, mas não ignoramos que o abuso nada tem de comum com a ciência deste velho preceito, porquanto o uso que faz Lei pressupõe o consentimento dado à parte pelo todo num decurso de tempo convincente pela lógica das situações criadas, ao passo que o abuso é a negação da regra, o atropelo da autoridade e o enxovalho do todo por licenciosa deliberação da parte.

Deixamos ficar este « caso », requerendo urgente solução, ao esclarecido entendimento de quem possa reparar estragos que amanhã venham a converter-se em mal irreparável.

João Figueiras

Aspectos Sociais da Prevenção dos Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais

(Continuação do número 76)

Na Suíça, pela lei de 1911, o sistema de gestão está unificado com o do seguro-doença através de uma instituição pública autónoma e centralizada—a Caixa Nacional Suíça do Seguro de Acidentes.

Na Espanha existe um Seguro Social de gestão mista, (pública e privada), mas com tendência para a unificação, dada a progressiva preferência pela Caixa Nacional de Acidentes de Trabalho, autêntico órgão público.

Na Bélgica, o seguro é livremente realizado através das Companhias Seguradoras, mutualidades de empresários ou numa Caixa Nacional. A reparação é porém garantida por um Fundo de Financiamento obrigatório.

Na Holanda vigora também um sistema misto, isto é, do tipo seguro social e corporativo, de gestão mista, pois embora a gestão do seguro pertença ao Banco do Seguro Social pode também ser contratado em mútuas patronais ou companhias seguradoras das quais aquele banco é obrigatoriamente fiador e pagador.

Resumidamente podemos concluir: o resultado desta vista de conjunto por grande parte do panorama europeu é concludente quanto à desactualização do nosso sistema de segurança para a cobertura do risco de acidentes de trabalho e doenças profissionais.

5—A prevenção dos acidentes de trabalho e doenças profissionais

Os acidentes são, mais do que nada, criados pela máquina ou pelo trabalho e as doenças profissionais, semelhantemente, atingem com maior ou menor intensidade aqueles que exercem determinados misteres e são por isso, em grande parte, ambos evitáveis, por uma melhor organização das tarefas e adaptação do homem ao seu ofício, pela protecção adequada das pessoas, das máquinas e dos utensílios, pelo arranjo técnico do ambiente de trabalho, pela adopção de medidas especiais de higiene e profilaxia e por último, pela obtenção dum clima psicológico de segurança.

A Prevenção é, quanto a nós, fundamentalmente um problema de educação no mundo do trabalho, um todo indissociável, que se consegue como resultado dum estado de espírito que deve reinar por toda a parte e muito em especial nas profissões de mais elevado risco, onde nenhum detalhe deve ser omitido desde a inventariação das causas dos sinistros até ao robustecimento

dum indispensável sentido de prevenção, por parte dos operários, técnicos e patrões, tarefa que em certo número de Empresas poderá, com vantagem, competir às previstas "equipes de segurança".

Se importa primordialmente preservar a saúde e a integridade física do trabalhador para defesa própria, da sua família e da sua corporação, interessa também aliviar a economia nacional do peso, que sabemos ser enorme, dos prejuízos resultantes dos acidentes de trabalho e das doenças profissionais.

A organização eficiente dum serviço de segurança ou de prevenção de acidentes e doenças profissionais justificar-se-ia só por princípios de solidariedade humana e de justiça social, mas o que é certo é que interessa às empresas — e isto são sobretudo aspectos económicos que outrem melhor tratará — na medida em que, por motivo dos acidentes e das doenças profissionais, vêm acrescidos os seus encargos de produção e interessa também, repetimos, à economia nacional na parte em que é privada temporária ou definitivamente do concurso da mão-de-obra activa, é obrigada a distrair importâncias de certo vulto no tratamento e recuperação de sinistrados e doentes e tem de enfrentar situações, sempre dolorosas, de desempregados incapacitados.

Quanto às doenças profissionais há sobretudo um aspecto de marcada relevância social, que consiste no despedimento daqueles trabalhadores relativamente aos quais o exame médico por parte das companhias seguradoras, não consente a realização, ou até a renovação, dos contratos de seguro firmados com as entidades patronais. Estas, perante a recusa ou na iminência de maiores encargos, optam pelo despedimento, às vezes maciço, de numerosos operários.

A agudeza deste grave problema de trabalho, que nem sequer se deve explicar através do seu enquadramento no n.º 1) do § único do art.º 11.º da lei número 1.952, (despedimento justificado com fundamento em doença contagiosa ou prolongada), requer acção pronta e eficaz da Inspecção ou dos Tribunais de Trabalho, pelo menos enquanto não forem promulgadas providências legais adequadas.

Entre nós, pouco se tem feito em matéria de prevenção e de protecção social aos sinistrados e doentes do trabalho, embora seja de justiça assinalar a iniciativa do Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doen-

ças Profissionais que funciona no Grémio dos Seguradores e que constitui, com a sua prometedora actividade, uma expressiva manifestação de vitalidade corporativa.

Contudo e não obstante o mérito desta tentativa, o facto é que as entidades seguradoras, como sociedades mercantis que são, preocupadas com a livre competência — o que por vezes lhes impede a unidade básica indispensável — nem sempre estão preparadas para a vultosa e delicada tarefa da Prevenção.

O reconhecimento desta realidade levou o Governo, sempre atento ao interesse geral, a promover, em escala nacional, uma grande campanha de prevenção, que a portaria n.º 17.118 de 11 do mês findo, do Ministério das Corporações e Previdência Social, veio expressamente anunciar, ao impor a obrigação de impulsionar, estimular e suscitar o interesse das entidades públicas, da Organização Corporativa e da Previdência Social e também das empresas e dos trabalhadores pelas questões e iniciativas relacionadas com a segurança no trabalho.

Esta louvável iniciativa deixa pressupor o propósito de se chamar a coordenação e a superior execução das medidas que se impõem no campo da prevenção dos acidentes e das doenças profissionais ao Sector que tem à sua conta a supervisão, no plano nacional, dos problemas do trabalho.

Congratulamo-nos, sobretudo, pelas consequências futuras que deste novo princípio orientador poderão vir a resultar para defesa do nosso ponto de vista.

6 — Conclusão:

De tudo o que foi dito poderemos resumidamente concluir que o acidente de trabalho e a doença profissional não afectam apenas o interesse pessoal do trabalhador, mas também o do seu grupo familiar, o da sua corporação, enfim o da colectividade ou, se preferirmos, o da sociedade. Daí — a meu ver — a natureza *social* daqueles riscos e consequentemente a necessidade de ser também *social* o processo da sua prevenção e da sua cobertura. É no trabalho que os riscos surgem, (por causa ou em consequência dele), e é dos princípios fundamentais que nos regem a solidariedade das categorias produtoras e a função social daquele. Nesta linha de raciocínio situamo-nos, naturalmente, na tese corporativa, fundada na concepção orgânica da sociedade, baseada no postulado que harmoniza todas as actividades e conformidade com os fins da colectividade para mais facilmente se realizarem os deveres de justiça social.

Desta forma, sob a égide e fiscalização dum Estado que saiba subtrair-se ao poder dos pon-

tentados económicos e das oligarquias plutocratas poderíamos talvez, através da Previdência obrigatória, de base corporativa, encarar em moldes sociais a cobertura dos riscos de acidente de trabalho e doenças profissionais, contra os quais toda a protecção constitui presentemente um direito do trabalhador, como o salário, as férias, o honorário.

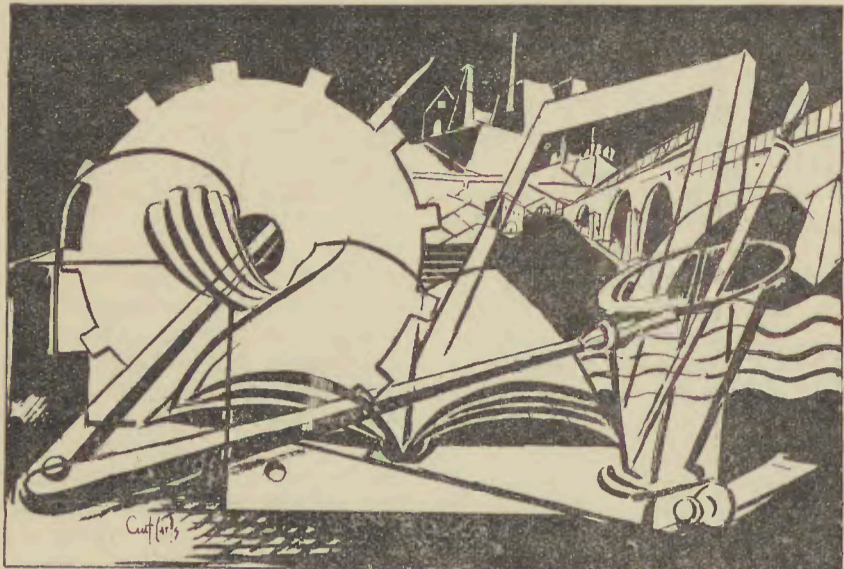
Com efeito, por virtude da doutrina e do sistema corporativo, tem-se elevado gradualmente, não sem alguns vicissitudes, o edifício da nossa Previdência Social que já conta hoje vinte e um anos de proveitosa experiência, no decurso dos quais houve que vencer resistências, vencer cepticismos, esclarecer ignorâncias, organizar serviços, formar técnicos, despertar o interesse dos estudiosos e da colectividade em geral.

Com esta base e atendendo a que a massa da população sujeita aos infortúnios laborais, está também sujeita à doença natural, que a Previdência já cobre em certa medida; tendo em vista que são já tratados pelo Seguro-Social muitos indivíduos portadores de enfermidades originadas ou agravadas pelo trabalho; tomando em conta a similitude dos processos de cobertura dos riscos quer de acidente doença profissional, quer de doença natural, ambos a exigir tratamento e subsídio compensador do salário pedido; considerando que as instituições de previdência social possuem já uma vasta rede de instalações e serviços clínicos com múltiplas e bem localizadas unidades assistenciais e que mantêm contratos com várias organizações hospitalares de assistência pública e privada, o que poderia ser aproveitado quer para os tratamentos quer para o pagamento das indemnizações; olhando ao facto da Previdência Social já contribuir poderosamente para a melhoria geral das condições sanitárias do País, com reflexos imediatos ou indirectos na prevenção dos acidentes e doenças profissionais.

Nestes termos: tendo em mente a natureza das matérias versadas e os aspectos sociais emergentes e bem assim as razões históricas e de direito comparado a que fizemos referência; tendo presente o conteúdo de variadas providências legislativas, designadamente, a portaria de 22 de Dezembro de 1945 que nomeou uma comissão para estudar a aplicação prática aos acidentes de trabalho dos princípios relativos ao seguro corporativo; com base no doutro parecer da Câmara Corporativa relativo à proposta de lei sobre o Estatuto da Assistência Social onde expressamente se considera os acidentes de trabalho com riscos a cobrir pela previdência social.

(Continua)

Visado pela Comissão de Censura



A Escola Industrial e Comercial de Barcelos está presente

É com a maior satisfação que hoje começamos a inserir originais dos alunos da Escola Comercial e Industrial de Barcelos. É com alegria que dizemos que o fruto do seu labor intelectual lhes há-de proporcionar recordações gratas, que jamais poderão esquecer, na longa caminhada da vida.

Queremos deixar aqui, os nossos agradecimentos, ao Director da Escola que, numa compreensão nítida do valor e alcance do nosso convite, gentilmente acedeu dar a sua sempre relevante colaboração prontificando-se, junto dos professores, a criar elos de colaboração, que serão úteis aos próprios alunos, a nós e a todos os homens de boa vontade.

Os alunos podem contar com a nossa sempre leal e sã camaradagem e, sem receio, confiar os originais aos professores que, por sua vez, no-los entregarão.

Periódicamente sairá uma página que será dos alunos da Escola, que será de todos os leitores, que será, afinal, de Barcelos.

A. B.

NATAL

NATAL! Palavra tão pequena e que soa a meus ouvidos como qualquer coisa de maravilhoso, de sublime. Não sabes por certo, com que saudades te recordo, noite de 24 de Dezembro, noite do Redentor. Além de seres minha noite natalícia, recordo-te ainda com mais amor porque faz anos que, em Belém, cidade da longínqua Palestina, numa noite escura e fria, nasceu numa gruta, que servia de estábulo aos animais, sem conforto e agasalho, a não ser uns pequenos trapos que não passavam duma ridicularia para uma noite tão fria e duma vaca e de um jumento que com seu bafo O reconfortavam, aquele Deus mentiro que havia de mais tarde, morrer na cruz por amor dos homens.

Seja qual for a parte do mundo, em qualquer lar, rico ou pobre, tu és festejado condignamente conforme as posses de cada um.

Até as crianças, alheias a tudo o que se passa neste mundo, te

esperam com grande ansiedade, e te preparam, com a melhor da sua habilidade, o lindo presépio alusivo a esta tão linda quadra do ano.

Américo Machado Amorim

Aluno da 1.ª Turma de Formação de Serralheiros

SUPLEMENTO DA Escola Industrial e Comercial de Barcelos

N.º 1

O PRESÉPIO

SOBRE as coisas paira uma suavidade divina. A terra eleva-se para o alto. É Natal. Momento maravilhoso.

Esforço esplêndido. O mais extraordinário de todos os esforços.

Portugal enche-se de presépios. Por toda a parte fixa-se e prolonga-se a glória do Homem-Deus.

O nosso povo, em linguagem simples e cheia de sinceridade, representa o sublime momento do presépio tão naturalmente como os regatos correm.

Figurinhas humildes mas ricas, bocados da história de uma indústria velha e modesta, mas eloquente e representativa. Que mãos de artista as pintou? Como se chama? De onde é?

Não há nomes, não há assinaturas. É o povo, com a sua alma devota, quem as veste de ternura. E o barro vive nessas ingénuas figuras, movimenta-se, anima-se, ilumina-se. E o presépio nasce, cheio de sentimento e de intenção, de beleza e de humanidade.

Uns, modestíssimos, de sabor primitivo, estranhos, quase diferentes de todos. Beleza nua a dizer a verdade eterna.

Outros, mais compostos, autêntica sementeira de figurinhas. Aqui, um Menino Jesus; ali, um S. José e uma Nossa Senhora; além, são os Reis Magos; agora, uma vaca e um burro; logo, são pastores e músicos e cornetas e tudo. Exuberante mostruário com o segredo da sua forma e da sua cor.

Todos, mais ricos ou mais pobres, cantam, evocam, iluminam todas as salas. Não há casa humilde que, entre as suas quatro paredes, não abrigue, em figurinhas frescas e alegres, a graça ingénuo dum presépio. Não há igreja, por mais modesta, onde ele não brilhe, como um pedaço do Céu. Extraordinário acto de fé no amor.

O presépio fala, palpita, vive em todos os lares, fresco, colorido, luminoso, contando uma história que, para bem dos homens, os homens jamais devem esquecer. O tempo foge e passa, mas a história do presépio não passa nem

(Continua na página 5)



PRESÉPIO

Desenho de M. J. Vilas Boas (Parros)

BARCELOS e a Escola Técnica

BARCELOS, uma das mais antigas e lindas terras de Portugal, que tem um passado cheio de glórias e que sempre vincou a sua personalidade na alma dos seus ilustres guerreiros, estava a deixar-se arrastar para um abismo, quer técnico quer moral. Porém, graças ao esforço da Ex.^{ma} Câmara Municipal e à boa colaboração de Sua Ex.^a o Snr. Ministro da Educação Nacional, esse arrastamento não se chegou a totalizar. Com a fundação da Escola Industrial e Comercial, que sem dúvida alguma nos veio encher de alegria e trazer novas esperanças, aquelas pessoas a quem os seus recursos financeiros não chegavam para irem além do exame do 2.º grau, já podem ir mais além, já podem ter um futuro de vida mais esperançoso e mais digno. Agora, com pouco dispêndio financeiro, já podem tirar os seguintes cursos: Curso de Formação Feminina, Curso Geral de Comércio, Cursos de Aperfeiçoamentos de Serralheiro e Electricista. A Escola Industrial e Comercial não só trouxe estes benefícios a crianças, como também beneficiou aqueles a quem a idade já lhes permite a luta pela vida, pois há um turno nocturno em que podem tirar os seus cursos e aperfeiçoar as suas especialidades em que se empregam.

Maria Manuela Arantes Pinto

Aluna n.º 290 — 1.º Ano de F. F.

Festa à Imaculada Conceição na Nossa Escola

DESPONTOU risonha a manhã de 8 de Dezembro de 1959 (apesar do mau tempo que se tem feito sentir na nossa terra), prenúncio da alegria que invadiu os nossos corações, e os encheu de felicidade, por termos a dita de celebrar condignamente o Dia de Nossa Senhora da Conceição, (Padroeira, de Portugal).

E, assim, pelas 10 da manhã, numa das salas da nossa Escola Industrial e Comercial, preparada com esmero para esta festa religiosa e de benfazer, na presença dos alunos, professores e pessoas das suas famílias e relações de amizade, o nosso estimado Professor de Moral, Rev. Padre Abel Gomes da Costa celebrou missa em honra de Nossa Senhora, para comemorar o «Dia da Mãe»; à homilia Sua Rev. fez o elogio das mães, lembrando a mais dedicada mãe do mundo «Nossa Senhora», modelo de virtudes e santidade e exemplo de todas as mães, e a

O PRESÉPIO

(Continuação da página 4)

foge. Extraordinária afirmação de crença no imperecível.

E as figurinhas, e os gestos das figurinhas, desfilam, movem-se diante de nós, numa lição de transparência puríssima.

O presépio é ascensão para uma vida mais bela. É incitamento de bondade, de clemência, de perdão. É ambição de paz. Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

Barcelos, Natal de 1959.

E. L. R. C.

devoção do nosso povo para com a Senhora da Conceição desde os alvares da nacionalidade portuguesa até D. João I e D. João IV que a proclamaram «Excelsa Senhora Imaculada na Sua Conceição e Padroeira de Portugal». No momento apropriado, muitos alunos e pessoas de família abeiraram-se da Sagrada Mesa para receberem o Pão dos Anjos, cerimónia que aliás já os nossos antepassados faziam, não só frequentemente, como também nos grandes dias e vésperas de batalhas e antes de serem armados cavaleiros. Em seguida, o nosso dedicado Director, Ex.^{mo} Snr. Dr. Vítor Manuel de Almeida explicou aos presentes o significado desta festa de amor filial e de caridade (uma das maiores obras de Deus) e disse que dentro em breve se ia proceder à entrega de dois berços e respectivos enxovais que nós confeccionamos com ternura e carinho, para serem oferecidos a duas famílias necessitadas.

Seguiu-se um diálogo entre uma fada (a menina Maria Teresa Leite Vieira) e algumas meninas, Maria do Céu Gonçalves de Carvalho, Maria Júlia Correia Martins, Maria José Vieites de Amorim, Balbina Ferreira de Araújo, Ana Maria Pinho Ferreira, Ana Maria Châteauneuf Mouta Faria, que consistia num concurso infantil sobre o que desejavam possuir. A flor, como prémio, foi entregue à menina Ana Maria Faria por desejar a mãe, visto ser órfã...

A Senhora Dr.^a Julieta Barbosa de Pereira Monteiro, nossa ilustre professora, enalteceu o amor de mãe, lembrou o grande protector das Mães Portuguesas, Sua Excelência o Snr. Doutor Oliveira Salazar, timoneiro da embarcação portuguesa com bom rumo a porto de salvamento, alma sublime que tem pugnado pela O. M. E. N.; lembrou as mães falecidas, cujos filhos não têm neste dia a felicidade de as beijar, apontando o esforço, trabalhos e dedicação que devem ter para com as suas mães que ainda têm a felicidade de as possuir, terminando por incitar as pessoas presentes para que amem com ternura as suas mães, enquan-

Natal

NATAL! Grande festa!
Natal! o que esta palavra nos lembra!

O Menino Jesus, envolto em panos de linho alvo, que a Virgem Mãe preparou com tanto esmero. Vêm depois os pastores — cada qual dá o que pode: este um pote de mel, aquela pastora um ramo de flores, aquele outro um carneiro, outra ainda uma bilha de leite — enquanto no Céu os Anjos cantam: «Glória a Deus nas alturas...». Por fim vêm os Magos, que oferecem seus presentes em ouro incenso e mirra — e todos O adoram!

Passados muitos anos, o primeiro homem que se lembrou de fazer o Presépio, foi S. Francisco de Assis. Deu-se um grande milagre. S. Francisco tinha todas as figuras, só lhe faltava o Menino Jesus, — então — Ó milagre! apareceu o Menino como no dia do seu nascimento!

Agora o Natal celebra-se pela ceia, com vinhos e doces e o cozido tradicional; à meia-noite, a Missa do Galo — os sinos repicam, as fábricas apitam, e cantos fervorosos em louvor a Deus sobem ao Céu. No dia seguinte tudo é festa.

Cada qual arma o presépio como pode: uns, mais ricos e maiores, outros, mais pobres — mas todos feitos com o mesmo amor.

Estamos perto do Natal — é a festa do Menino Jesus. Preparemos-lhe desde já um presente: o nosso coração cheio de pureza e amor, para lhe oferecermos nesse dia tão grande.

Dezembro de 1959.

Ana Maria Châteauneuf Mouta Faria

Ano 1.º — Turma 1.º — N.º 1

Estuda e faz-te homem, para poderes ter opinião que os outros oiçam.

P. L.

to é tempo. Ouviram-se muitas palmas a coroar as últimas palavras. Seguiu-se a entrega de berços e enxovais e envelopes com dinheiro.

Durante esta simpática festa foram recitadas lindas quadras dedicadas às mães.

A missa foi acompanhada pelo grupo coral das alunas da Escola, hábilmente ensaiadas pela Senhora D. Eunice. No final das cerimónias seguiu-se o baptismo duma das crianças contempladas com o enxoval, servindo de padrinhos o Snr. Engenheiro Manuel Júlio de Sousa Lima Torres e D. Duarte Silvéria de Paiva, acto a que assistiram os alunos e que completou a nossa obra de caridade, pois fomos levar Cristo a uma nova alma: o Snr. Prior

A Nossa Escola

É simples mas airosa a nossa Escola.

Situa-se perto da margem direita do Cávado e da Câmara Municipal desta cidade.

Não foi por mera casualidade que se fundou uma Escola Industrial e Comercial em Barcelos, mas porque de facto, a cidade tanto precisava dela e por ela todos os Barcelenses ansiavam.

Foi nela que comecei os meus estudos e que tenciono acabar não só por ser em Barcelos, mas sim pela boa camaradagem que oferecem todos os meus colegas, desde o mais pimpolho ao mais graúdo.

Tão bons professores e amigos, jamais se poderia encontrar em qualquer outra Escola. Tanto eu como meus colegas, procuramos compreender e esclarecer o que eles pedem e desejam. A eles confiamos todas as nossas dificuldades, que não são grandes, mas que por vezes aparecem.

Compreendo que todos, como eu, estejam desejosos em tirar um curso, para que amanhã possamos ser alguém que singre na vida. Estou a lembrar-me da última quadra dum dos melhores poemas de Félix Bermudes, que nos diz:

Pairando numa esfera acima deste plano
Sem recear jamais que os erros te retomem
Quando já nada houver em ti que seja humano
Alegra-te meu filho, então serás um homem.

Portanto, camaradas, trabalhe-mos, trabalhe-mos para que possamos tirar o curso que tanto desejamos, para honra e prestígio da Nossa Escola.

João Boaventura Simões Negrão

Aluno n.º 241 — T.º 1.º — F. 5.

Rev. Padre Alfredo Martins da Rocha explicou-nos o significado do baptismo, acompanhando os alunos, com muito interesse e devoção esta cerimónia.

Esquecia-me de dizer que durante a missa e os discursos na nossa Escola, grande número de pessoas estavam comovidas, vendo-se os seus olhos marejados de lágrimas.

E assim terminou tão simpática festa a Nossa Senhora, que assim quisemos honrar com a nossa obra de caridade, ficando os professores e alunos muito satisfeitos por terem cumprido com o seu dever.

Noraldina de Lourdes da Cunha Gomes

Aluna da Formação Feminina — n.º 295.

ESCUTISMO

(Continuação da página 7)

Os escutas devem alcançar estas insígnias enquanto se preparam para a primeira classe.

Há uma especialidade muito importante e muito útil, com vista à primeira classe — a de cozinheiro.

Primeiros socorros

Ensinam-se os primeiros socorros para que se possa prestar auxílio às pessoas que tenham sofrido algum desastre. Mas se o escuta for ainda novo e começar a ligar pernas e braços partidos, corre o risco de fazer mais mal do que bem. Sem dúvida que é muito útil saber estas coisas, mas, geralmente, é melhor chamar o médico.

Porém, fazer estancar o sangue ou ligar uma ferida e fazer um penso, são coisas que estão ao alcance de qualquer escuta, mas se se tratar de uma clavícula fracturada todos os cuidados são poucos.

Portanto, vamos tratar de ensinar alguns pequenos socorros — incómodos que podem surgir num acampamento ou até em casa tais como golpes, queimaduras, ferimentos, etc.

Qualquer destes males pode dar-se onde não haja médico e o escuta pode facilmente aprender a aliviar o padecente, até que se possa recorrer ao médico. Além disso, é conveniente que o escuta saiba servir-se da banda triangular (o lenço) e por isso vamos tratar de ensinar a fazer algumas ligaduras:

A B C é a banda triangular (ou o lenço, na sua falta), dobra-se A sobre B e C e torna a dobrar-se para fazer a banda larga.

A banda, ou o lenço na sua falta, coloca-se no chão com a ponta para a nossa frente, ficando a base do triângulo virada para nós. Dobramos a ponta até à base e damos nova dobra. Isto é a chamada dobra larga.

Dobra-se outra vez para fazer a banda estreita.

Estas duas bandas — a larga e a estreita — servem para ligaduras de pernas ou braços, como veremos mais adiante.

Queimaduras — O que importa, neste caso, é isolar a queimadura do ar. Para isso deve cobrir-se logo a parte ofendida com um papel limpo, algodão hidrófilo, farinha amido. Com um pouco de azeite, vaselina ou até manteiga, deve embeber-se um pedaço de gaze boricada, e aplica-se esta sobre a ferida. Se a queimadura for de gravidade, chama-se o médico.

Golpes — Lave-se o golpe com água pura; havendo dúvidas quanto à água, é melhor não lavar. Aplique-se gaze boricada, que se pode fixar com uma compressa ou ligadura.

Engasgamento — Se alguém se engasgar com uma espinha de peixe ou outro objecto semelhante é preciso extraí-lo. Eis algumas instruções que devem seguir-se:

a) — Desarpetar o colarinho. Extrair o objecto com os dedos ou com o cabo de uma colher, previamente desinfectada. É natural que o paciente pule sem querer.

b) — Deem-se-lhe duas ou três palmadas rijas nas costas para desalojar o objecto.

c) — Segure-se o paciente de cabeça para baixo para que ele tossindo, expulse o objecto da laringe ou da traqueia se lá estiver.

d) — Para fazer sair um osso da garganta, coma-se miolo de pão.

e) — A quem tenha engolido um objecto pequeno e duro — um botão, por exemplo — dê-se óleo de ricino e faça-se vomitar.

f) — No caso de se terem engolido objectos agudos, como agulhas ou alfinetes, dê-se coque de pão a comer. Não se deve fazer vomitar o paciente, neste caso, porque não se sabe onde o referido objecto se vai espetar ao ser expelido.

g) — Como sempre, em caso de dúvida, chame-se o médico.

Luxação do braço — Depois de uma boa massagem deve suspender-se o braço ao peito. Assim, passa-se a banda por debaixo do braço e as duas extremidades ligam-se atrás do pescoço, com um *nó direito*. Passa-se a ponta A para a frente e prega-se com um alfinete.

Ligadura da cabeça — Dobra-se a base da banda cerca de 2 centímetros e meio. Aplique-se o centro ao meio da testa, perto das sobrancelhas, com a ponta A, pendente sobre a nuca. Passam-se as duas extremidades em volta da cabeça acima das orelhas, e ou se atam atrás sobre a ponta A, ou se tiver o comprimento preciso, levam-se as extremidades à frente e atam-se aí. Puxe-se a ponta A, para esticar toda a banda, vire-se para cima e prendam-se com um alfinete.

Para segurar um penso na testa, olho, lado da cabeça ou em qualquer parte curva do corpo, pode servir a banda estreita. Aplique-se o centro ao penso, passem-se as pontas em volta da cabeça ou membro e ate-se com um nó direito.

Para o ombro — São precisas duas bandas uma fica aberta do lado de fora do ombro, assentando o meio da base no meio do braço e chegando a ponta ao longo do pescoço até perto da orelha. Dobre-se a base cerca de 2,5 cm., passam-se as pontas laterais em volta do braço e atem-se bem.

Columbofilia Carnaval em OVAR

(Continuação da página 2)

ou "standard" oficialmente aprovado, e as suas características são as seguintes:

Aspecto geral elegante e altivo, curto e atarracado, cabeça convexa, bem arredondada, sem saliências ou depressões, olhos vivos, inteligentes, cercados por uma orla branca, cinzenta, azulada ou mesmo preta, mas nunca vermelha ou rosada, em geral mais larga à frente do que atrás; bico preto, médio e continuando perfeitamente a curva iniciada pela cabeça, não devendo existir depressão entre um e outra.

Pescoço forte e bem guarnecido de penas, dorso largo e curto, peito desenvolvido e profundo, quilha do esterno bem direita, asas fortes, curtas, grossas e bem musculadas, de penas largas, bem encostadas ao corpo mas de contorno bem visível, apoiando-se sobre a cauda sem se cruzarem nem atingirem a extremidade. Cauda curta, estreita (da largura de uma só pena) e levantada; coxas médias de comprimento, grossas, musculosas e bem afastadas, tarsos e dedos fortes, bem direitos, vermelhos vivos ou escuros, e unhas pretas.

As Senhoras
de bom gosto

usam só malhas

TEBE

Faça-se com a outra banda, ou *ligadura de dobra larga*. Aplique-se uma ponta lateral sobre o ombro deslocado, de modo a cobrir a ponta da primeira banda e a ficar pendente do ombro são. Suspensa-se o braço atando a ponta inferior da banda à superior. Estique-se a ponta da primeira banda, vire-se para baixo e pregue-se com um alfinete.

Para o cotovelo — Dê-se uma dobra no fundo da banda. Aplique-se o centro da base na parte posterior do ante-braço com a ponta levantada para o meio de igual parte do braço. Passem-se as pontas laterais para a frente do braço, cruzem-se abaixo da articulação, passem-se para trás e em volta do braço acima da articulação e apertem-se com o nó direito. Puxe-se a ponta, dobre-se para baixo e segure-se com um alfinete.

Com o mesmo brilho dos anos anteriores, vão realizar-se em Ovar, nos dias 21, 25 e 28 de Fevereiro e 1 de Março, importantes festejos carnavalescos, os mais alegres e divertidos do País.

No dia 21, Sua Majestade El Rei Mamão IV, Sua real esposa, a Rainha Mamona, e tantos altos dignitários da corte, chegarão a Ovar para iniciar um reinado de folia, aguardado com grande paciência por milhares de mascarados e foliões.

No dia 25, realizar-se-á, de noite, a importante marcha luminosa «Fogo de Máscaras», um número de acentuado sabor popular e revestido do mais bizarro aspecto.

Em 28, o dia principal do Carnaval de Ovar, desfilará o Grande Cortejo Carnavalesco, no qual se incorporarão dezenas de carros alegóricos, do mais fino gosto e sentido artístico, tripulados pelas mais lindas raparigas de Ovar — famosas pela sua beleza de ascendência fenícia — dezenas de gigantones, centenas de cabeçudos e foliões, bandas de música, Zés Pereiras, bobos, etc., numa parada maravilhosa e do mais belo efeito espectacular, plena de alegria e colorido.

No dia 1 de Março, desfilará de novo o cortejo de domingo, com todos os seus atractivos.

Em Ovar trabalha-se afanosamente e com o maior entusiasmo para erguer de novo o seu mais belo pendão turístico: o Carnaval, que todos os anos atrai à linda vila da beira-mar uma multidão inumerável de forasteiros.

PROGRAMA

DOMINGO MAGRO: No dia 21, pelas 16 horas, chegada de Suas Magestades, El-Rei Mamão e Rainha Mamona, acompanhados do seu luzido séquito e outros Comilões do Reino.

Às 17 horas, proclamação real, com mensagem dirigida aos seus súbditos mascarados, foliões, folionas, etc.

Prémios às melhores «charges» carnavalescas!...

QUINTA FEIRA: Dia 25, às 22 horas, a sensacional e inédita marcha luminosa, em honra de Suas Magestades.

Fogo de Máscaras

Um dos números de sensação do Carnaval de 1960. Surpresas do mais belo efeito luminoso. Prémios aos mascarados com mais «piada».

A saída do cortejo está prevista para as 15 horas, no Largo de S. Miguel.

Carnaval de Ovar a vitamina da alegria!...

Cantares e Bailados do Minho

(Continuação da página 8)

Chula

A chula é uma dança exclusivamente ganfeense, na sua música, pois é diferente das chulas vulgarmente dançadas nas freguesias próximas.

Esta, já na segunda metade do Século XIX era dançada em Ganfei.

Malhão

O malhão, é uma dança cheia de vivacidade e movimento, executada de harmonia com os elementos colhidos sobre o folclore desta aldeia referentes ao ano de 1870.

Vira de Cruz

Este vira, é dançado por grupos de quatro, em forma de cruz, donde lhe vem o nome. Dança movimentada e com uma coreografia interessante, já era antiga em Ganfei, no ano de 1870.

Regadinho

O regadinho é uma dança de roda, com música totalmente diferente de quantos são conhecidos na região, já quase esquecido, ensaiado por este grupo de harmonia com elementos obtidos, referentes ao fim do terceiro quartel do Século passado.

Fandango Serrado

O fandango serrado, é um sistema muito usado em Ganfei para dançar em grupo o conhecido fandango, com os pares colocados em fila. Com o conhecido compasso de vira, é dançado imitando os movimentos de uma serra. Daí lhe vem o nome, conforme o estudo a que se procedeu, baseado em elementos referentes ao ano de 1870.

A música do fandango desta região é semelhante, senão igual, à do vira vulgaríssimo dos Concelhos de Vila Nova de Cerveira, Caminha, Arcos de Valdevez e Viana do Castelo.

As saias

Esta dança, já conhecida na localidade muito antes de 1870, é muito interessante, fazendo-nos recordar as raparigas daquela época que, com toda a simplicidade, mostravam aos seus pares as compridas saias bem trabalhadas, enquanto estes, por sua vez, apontavam aquelas as suas calças, que só em dias de festa vestiam.

Laurentina

Esta dança, também de roda, é mais moderna em Ganfei, pois foi trazida pelos rapazes de Monção, Lapela e Troporiz, que desde 1930 a 1940 apareceram nesta localidade, aos domingos.

Todavia, nas freguesias situadas a Norte de Ganfei, esta dança já existia há mais de 80 anos.

Senhor da Serra

É uma dança ritmada e um pouco lenta, em compasso de chula, muito da predilecção da gente moça de Ganfei na segunda metade do século XIX. Também já estava esquecida e só depois de colhidos os indispensáveis elementos baseados no folclore de 1870, foi possível a sua reconstituição e o ensaio respectivo, por este grupo.

Mòdinha das Três

Esta dança tem a origem do seu nome no sistema da sua execução, pois as três partes de que se compõe, são dançadas em compasso de chula; é a única dança de roda, local, em que a rapariga se coloca à esquerda do rapaz, seu par.

A sua coreografia é sempre interessante e a marcação não muda. Esta dança é muito anterior ao ano de 1870.



Por JAIME FERREIRA

Insignias de especialidades

DEPOIS de se ter dado ao elemento candidato a explorador, uma noção, o mais exacta quanto possível do que é o movimento escutista, deve começar-se a interessá-lo na obtenção de insignias de especialidades.

No entanto, se se conseguir que determinados elementos, alcancem merecidamente algumas delas, não se deixe que ele ande constelado de insignias. Já se viu num braço dum rapaz, 24 insignias. Ora isto é ridículo, tratando-se dum escuta novo. Ninguém tem probabilidade de se tornar senhor de 24 assuntos, num ou dois anos. Quando se conceder uma insignia deve-se procurar saber se o escuta sabe bastante mais do que nos diz o manual das especialidades.

Para obter, por exemplo, a insignia de botânico, uma das condições é coleccionar, pelo menos, 20 folhas de árvores. Qualquer candidato não deve contentar-se com vinte, mas fazer uma colecção de todas as espécies existentes na vizinhança da

região em que habite. Insignias há que se podem conseguir obter na escola; por exemplo a de marceneiro pode tirar-se na oficina escolar se se mostrarem ao mestre as condições exigidas pelo Regulamento, é muito provável que se ponha à disposição do pretendente para o dirigir e o ensinar.

Com a insignia de intérprete e com outras, pode acontecer o mesmo.

Há também insignias que exigem determinadas práticas que se não podem realizar na escola, como por exemplo a de enfermeiro. Tem de se fazer noutra parte, num hospital ou casa de saúde.

Algumas insignias dependem quase exclusivamente do trabalho individual como a de músico e outras.

Podendo ser, convém organizar classes pouco numerosas para cada uma das insignias.

Porém, estas classes não devem funcionar nas tardes ou nas noites da reunião geral do grupo, como já aqui dissemos.

(Continua na página 6)

Rosinha

A rosinha é uma dança que estava em voga em Ganfei no último quartel do século passado e no primeiro do presente, embora seja muito mais antiga. Estava quase esquecida da gente moça de Ganfei e em 1952, data da fundação do Grupo Folclórico local, foi investigada e ensaiada. É uma dança movimentada, com a primeira parte em serra, em 4 tempos, e a segunda parte em trespasse de filas, com compasso de vira.

Fandango de Roda

Esta dança, é uma variante do fandango já conhecido que já há mais de 100 anos era costume dançar-se no final de qualquer romaria ou bailarico efectuado num caminho ou num largo da povoação, aos domingos ou dias santificados, segundo as investigações efectuadas.

Ponto e Vírgula

É uma dança feita em roda, em passo de chula, na qual as mulheres, batem palmas, acompanhando o ritmo da dança e o ponto, o ponto e vírgula e os dois pontos, tem o seu valor convencional.

Esta dança, que era feita com muita animação pela gente moça de Ganfei no princípio do nosso século, perdeu de moda e actualmente só é exibida nas aldeias situadas mais a norte.

RoFi

OBS.:— Por falta de espaço somos obrigados a deixar, as respectivas quadras, para o próximo número.

Cantares e Bailados do Minho

Grupo Folclórico de Ganfei

III

*Elementos do Snr. Aníbal Moreira,
Director e ensaiador do mesmo Grupo.*

GANFEI, a um quilómetro da Vila de Valença, bastante antiga, pois conta cerca de 1280 anos de existência.

Antes do ano 691 foi ali edificado um Mosteiro de Frades, que o mouro Mahomet Ibn Aben Hamir, cognominado Almançor, Emir do Kalifa de Córdova, destruiu no ano de 998. No ano de 1018 pelo cavaleiro francês D. Ganfei, Ganfrido ou Ganfeiros foi edificado novo Convento (Beneditino) do qual foi o seu primeiro Prior. De início, a freguesia era de S. Salvador, a seguir perfilhou o nome deste cavaleiro passando, então, a S. Salvador de Ganfei.

No tempo da guerra com a Galiza, ali viveu durante quatro anos o Infante D. Pedro, Conde de Barcelos. Este Mosteiro passou a pertença do Estado, por Decreto de 28 de Maio de 1834, assinado por Joaquim António de Aguiar. Ganfei é uma das maiores freguesias do Concelho de Valença.

O seu Grupo Folclórico foi fundado em 1952, numa freguesia que conta 400 fogos e mais de 1.600 habitantes.

Embora o traje predominante tenha tomado na região o nome de "Taionense", a verdade é que ele é igual ao afamado "Traje de Noiva" de Perre, e é, sem dúvida, o conhecido "Traje de Encosta" de toda a região Minhota.

Espadelada (ou Gramada)

A gramada é um sistema primitivo que o Povo de Ganfei usa para preparar o linho, transmitido de geração em geração. Não foi possível apurar desde quando é usado tal sistema, não obstante terem-se feito investigações desde o segundo quartel do Século passado.

Para este trabalho, as raparigas, que previamente são convidadas colocam os seus cortiços na eira, enquanto a dona do linho vai fazendo a sua distribuição. A espadelada faz-se ao som de cantigas populares e, por vezes, brejeiras.

Entram, depois, os rapazes, em animada rusga, cantando ao som da concertina, dos ferrinhos, dos cavaquinhos e das violas.

Trocam-se umas quadras animadoras e, a seu tempo, o linho vai acabando. As raparigas arrumam, umas após outras, a um canto da eira os cortiços e vão dançar com os rapazes da sua simpatia ou com os seus namorados. A cabaça com o vinho vai correndo de mão em mão, pelos mais sedentos, à mistura com uns nacos de pão feito de farinha de milho e de centeio, feito de propósito para a gramada. Entretanto, a dona do linho guarda este no cesto próprio, acabando assim a gramada, que termina em festa alegre e folgasa. Depois de tudo arrumado, a dona da casa vai também dançar, prolongando-se assim o divertimento durante horas, com variadas danças locais.

Para completar o seu programa o mais regionalmente possível, os dirigentes continuam a investigar e a fazer reviver as danças e os cantares desta freguesia. Se é certo que a maior parte dos números já recolhidos dizem respeito ao folclore profano, não é menos verdade que ele procura investigar o que há de tradição religiosa entre o Povo, tendo já recolhido, igualmente, alguns números, entre eles "O Lavrador", "Monte Calvário" e "Romeiros".

Os dois primeiros, que o Povo Ganfeense cantava pelos campos, nos seus trabalhos agrícolas, pelos caminhos ou em suas casas, em dias de semana ou em domingos, com ou sem acompanhamento de instrumentos musicais, eram, bem como outros cânticos de carácter religioso, entoados durante a quadra da Quaresma.

Durante esta, a tradição proibia os folguedos profanos a partir da primeira hora da Quarta feira de Cinzas e até romper a Aleluia, na véspera de Páscoa, acontecimento que era assinalado pelo repique festivo dos sinos da Igreja do Convento Beneditino, tal como ainda hoje acontece.

Todavia, na quarta feira meã da Quaresma, fazia-se em Ganfei e faz-se a chamada "Serrada da Velha", auto que consiste num julgamento da pseudo mulher mais velha ou mais rabujenta da localidade, que um tribunal acaba por condenar à morte. Fínida esta cerimónia do suplício, todos os presentes se divertem, dançando.

O Povo de Ganfei tem uma grande veneração pelos seus Santos, fazendo-lhes promessas diversas, e por isso promete-lhes uns Romeiros. E, assim no dia escolhido, um certo número de raparigas, nunca inferior a 10, todas com blusas e lenços brancos vão cumprir a promessa em devota romagem, entoando cânticos próprios que, na freguesia são conhecidos por "Romeiros". Os "Ro-

meiros" que o Grupo Folclórico de Ganfei reconstituiu são oferecidos a Nossa Senhora do Faro, que do alto da Serra, no seu Santuário, abençoa todo o Concelho de Valença, de qual é a Padroeira. Com o manifesto esforço e interesse dos Dirigentes deste Grupo têm-se procurado não deixar que caia em desuso estes usos regionais, antigos e para isso tem havido a leal e dedicação de alguns deles.

Próprias da Quaresma

Promessa aos Santos

O Lavrador
Monte Calvário

Romeiros

Rusga
Caninha Verde
Ponto e Vírgula

Ana Tirana
Cor Morena
Malhão

O Ramo
O Marujinho

Este Grupo tem feito várias exhibições por diversas vezes e tem agradado. É único no Concelho de Valença de carácter essencialmente etnográfico, pois os seus trajes, as suas danças e cantares foram recolhidos exclusivamente em Ganfei, predominando a pureza do Folclore Valenciano.

A quadra festiva dos Reis, também aqui é festejada e a seguir apresentamos algumas quadras dos seus cantares:

*Minha tia deia-me os reis — que aqui vimos todos os seis
C'uma saca de dinheiro enforcados num foeiro*

Depois de receberem o que lhe é dado, como sejam maçãs, nozes, castanhas, etc... Estes grupos só levam como instrumentos, ferrinhos e pandeireta. Cantam:

*Esta casa é forrada de papel e papelão
O senhor que nela mora é um grande cidadão*

Se não lhe dão nada, então cantam:

Esta casa cheira a breu aqui mora um judeu

Ou ainda:

*Esta casa é forrada de papel e papelão
Os senhores que nela moram é uma cabra e um cabrão*

E, assim terminam esta festa, dividindo entre eles tudo que recebem, por igual

Carvalho da Portela (Trá-lá-lá-rá)

*O carvalho da Portela
Tem a folha revirada Repete
Que lh'a revirou o vento
Numa manhã de geada*

*Tua Mãe não o tem
Teu pai não to dá Repete
Donde te ele vem (o coro)
Vem do trá-l-álá-rá*

*Hei-de cantar hei-de rir
Hei-de ser muito alegre Repete
Hei-de mandar a tristeza
Pró diabo que a leve*

Tua Mãe não o tem, etc...

*Assubi ao castanheiro
Pus o pé numa castanha Repete
Dizes que me queres bem
O' que mentira tamanha*

Tua Mãe não o tem, etc...

*Minha terra minha terra
Minha terra não a nego Repete
Minha terra é Ganfei
Onde os meus olhos navegam*

Tua Mãe não o tem, etc...

Fandango (pares)

O fandango, é a dança mais da predilecção da mocidade, em romaria ou em bailarico, tal como já acontecia por volta de 1870, conforme foi investigado.

(Continuação na página 7)